A prata e outros metais em contextos funerários altimediévicos da *Lusitania*[1]

Silver and other metals in Early Medieval burial contexts of Lusitania

Andreia Arezes

1 Agradeço à Mónica Rolo, assim como à Câmara Municipal de Elvas, na pessoa da Dra. Isabel Pinto, a cedência das fotografias de materiais oriundos de Santo António da Terrugem (Elvas) integrados nestes trabalho: uma cedência que permitiu a incorporação de imagens que, de outra forma, e atendendo à actual indisponibilidade de visita às instalações onde se encontram conservados, não seria possível. Agradeço igualmente os registos cedidos pela Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF), referentes às peças recolhidas em Torres de Apra (Loulé), analisadas presencialmente em Outubro de 2013 para a Tese de Doutoramento, e novamente tratadas para o Catálogo da Exposição *Loulé: Territórios, memórias e identidades*, inaugurada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) em Junho de 2017. E, finalmente, ao Museu Monográfico de *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova) e ao Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), na pessoa dos seus directores à data do estudo (Doutor Virgílio Hipólito Correia e Dr. António Carvalho, respectivamente), por facultarem o acesso aos materiais depositados nos seus acervos.

RESUMEN: *Lusitania*, la provincia romana reorganizada en la época de Augusto, abarcaba una amplia extensión de territorio en la Península Ibérica. A pesar del derrumbe de las estructuras políticas y administrativas del Imperio Romano en la segunda mitad del siglo V d. C. mantuvo características que continuaron a permitir identificarla como heredera de la *romanitas*. Por otro lado, fue dominada por otros poderes, nuevas élites y respectivas estrategias de afirmación: y de hecho en el siglo VI ya estaba integrada en el reino visigodo formado mientras tanto. Como trasfondo, el cristianismo: no unívoco, sino que compuesto por varias voces y, en consecuencia, materializado de diferentes maneras.

La arqueología funeraria centrada en estos siglos revela una multitud de opciones que desafían la interpretación. Contextos de enterramiento donde los difuntos aparecen despojados de materiales, "coexisten" con deposiciones asociadas a múltiples tipos de artefactos. Y si algunos de los ellos están destinados al adorno de los cuerpos, lo que supuestamente recuerda las costumbres paganas, otros están imbuidos de una inconfundible dimensión cristológica. A través de la observación de diferentes espacios funerarios de *Lusitania* con tumbas atribuidas a los siglos V-VI, proponemos analizar los materiales metálicos canalizados hacia las tumbas y cuestionar el significado inherente a su presencia, subrayando las contradicciones o simbiosis que ilustran.

Palabras clave: Península Ibérica; *Lusitania*; contextos funerarios; materiales metálicos.

ABSTRACT: *Lusitania*, the Roman province reorganized in the time of Augustus, covered a wide area of territory in the Iberian Peninsula. Despite the collapse of the political and administrative structures of the Roman Empire in the second half of the fifth century A.D., *Lusitania* maintained a set of characteristics that continued to enable its identification as heiress of *romanitas*. On the other hand, it became dominated by other powers, by new elites and their affirmation strategies: and in fact, in the sixth century, it was already integrated in the Visigothic kingdom formed in the meantime. In the background, Christianity: not univocal, but composed of several voices and, consequently, materialized in different ways.

Funeral archaeology focused on these centuries reveals a multitude of options that challenge interpretation. Burial contexts where the deceased appear stripped of materials "coexist" with depositions associated with multiple types of artefacts. And if some of them are destined for the adornment of the bodies, what supposedly recalls pagan traditions others are imbued with a distinctive Christological dimension. Through the observation of different of Lusitania´s different funerary spaces with tombs attributed to the V-VI centuries, we propose to analyse the metallic materials channelled towards the tombs and to question the meaning inherent to their presence, underlining the contradictions or symbiosis they illustrate.

Keywords: Iberian Peninsula; *Lusitania*; burial contexts; metallic artefacts.

INTRODUÇÃO

O percurso que iremos seguir neste texto obedece a um duplo objectivo. Por um lado, fornecer uma panorâmica relativa aos achados de base metálica exumados em diversos espaços de enterramento, destacando os artefactos que têm na prata um dos seus elementos constituintes. Por outro, interrogar o significado inerente a essas deposições, num âmbito cronológico compreendido entre os séculos V e VI.

Trata-se, pois, de uma trajectória que se desenvolve num tempo, mas também num espaço concreto, a *Lusitania*. Província de fronteiras fixadas no tempo de Augusto, abarcava amplas áreas do interior peninsular, mas estendia-se até tocar o Atlântico. Manancial de recursos, viu o seu território ser sujeito a profundas transformações no decurso do período de domínio romano. Propiciadas pela criação de um consistente tecido urbano, de novos padrões de assentamento rural, e de uma rede viária que assegurava as ligações entre diversos pólos económicos, essas transformações cunharam de modo indelével não apenas a paisagem, mas também a política, a administração, e os modos de ser e estar das populações previamente fixadas.[2]

Em paralelo, a *Lusitania* terá sido também o espaço primordial de entrada e afirmação do cristianismo no quadro peninsular.[3] Contudo, os inícios do século V deram lugar a uma nova conjuntura, resultante da interacção entre os diversos agentes e dinâmicas que então começaram a operar num cenário histórico em rápida reconfiguração. E, neste quadro, as migrações protagonizadas por grupos de origem oriental devem, necessariamente, ser trazidas à colação; não como indicador disruptivo absoluto mas, inevitavelmente, como gerador de alterações ao panorama anteriormente vigente: o do Império, que a breve trecho, verá colapsar as suas estruturas político-administrativas no Ocidente, abrindo espaço para a criação dos chamados "reinos bárbaros".[4]

Considerar, pois, que a progressão entre os tempos de domínio romano e os alvores da época medieval pode ser considerada como um *continuum* imutável, conforme defendido por alguns sectores da historiografia, implica ignorar as mudanças reconhecíveis no registo arqueológico. Mudanças que ilustram, por exemplo, uma vitalidade económica e comercial menos pujante.[5] Em contrapartida, é cientificamente inviável evocar um declínio e estagnação generalizados. Com efeito, há circuitos a assegurar a vigência de intercâmbios entre diferentes geografias[6] e, consequentemente, o contacto com diversas técnicas e materiais, assim como o "consumo" de produtos importados, especialmente representativos do ponto de vista social. O mundo em análise não é, por conseguinte, homogéneo, nem passível de classificação linear.

---

2 Vasco Mantas, «A romanização da paisagem na Lusitânia», en *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. III, coord. por Francisco Oliveira, Jorge Oliveira e Manuel Patrício (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012), 121-123.

3 Ana Maria Jorge, «A dinâmica da cristianização e o debate ortodoxia/heterodoxia. Do combate contra o paganismo ao controle das "superstições"», en *História Religiosa de Portugal*, vol. 1, coord. por Ana Maria Jorge y Ana Maria Rodrigues (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 20-25.

4 Andreia Arezes, *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII* (Porto: Edições Afrontamento, 2017), 144-145; 413.

5 Bryan Ward-Perkins, *The fall of Rome and the end of a Civilization* (Oxford: Oxford University Press, 2006), 4-5; 182-183.

6 Carlos Fabião, «O ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa», *Apontamentos de Arqueologia e Património* 4 (2009): 29-32.

De igual modo, também as necrópoles cronologicamente enquadradas entre a V centúria e os inícios da VIII enformam, um pouco por toda a *Lusitania*, realidades que estão longe de se pautar por um cânone uniforme e regular.[7] O que não é propriamente surpreendente, uma vez que, se por um lado estes séculos mantiveram e cultivaram marcas fortes e distintivas de uma incontornável herança romana, por outro eles foram igualmente palco da penetração de novos poderes, hierarquias, e formas de apropriação do espaço.

PERSPECTIVAS SOBRE ALGUNS ACHADOS FUNERÁRIOS DA *LUSITANIA*

De forma a enquadrar a exposição subsequente, comecemos por sublinhar o facto de, nos últimos anos, a arqueologia alto-medieval ter vindo a conhecer uma inequívoca renovação em Portugal: traduzida não apenas ao nível dos pressupostos teóricos que, crescentemente, marcam uma produção bibliográfica progressivamente mais crítica e exigente, mas também ao nível dos inquéritos e metodologias que subjazem a projectos de investigação entretanto implementados.[8] No que ao mundo funerário diz respeito, e sobretudo nos casos em que foram desencadeadas intervenções de raiz, a realização de datações por radiocarbono, a par do recurso à bioantropologia ou às análises isotópicas,[9] têm logrado a produção de dados que constituem um manancial a potenciar. E aliás, o próprio facto de o *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos* actualmente em vigor reforçar a importância do estudo dos contextos funerários e vestígios osteológicos associados, quer através da particularização de procedimentos obrigatórios a respeitar nas escavações, quer do acentuar da responsabilidade científica do especialista em antropologia física (em solidariedade com o arqueólogo responsável pela intervenção),[10] merece aqui referência. Na verdade, os resultados decorrentes de trabalhos levados a cabo no quadro da arqueologia empresarial ou de contrato - dos mais restritos aos conduzidos no âmbito da construção de empreendimentos de grande envergadura como os do Alqueva (distrito de Beja)[11] ou do Sabor (distrito de Bragança)[12] - ou de projectos de investigação direccionados para o estudo aprofundado de um sítio,[13] começam a

---

7 Arezes, *O mundo funerário na Antiguidade Tardia…*, 177-203.

8 Catarina Tente y António Faustino Carvalho, «Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspectivas», en *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coord. Por Juan Antonio Quirós Castillo (Vizcaya: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015), 126; 139.

9 Catarina Tente y António Faustino Carvalho, «Sepulturas e necrópoles»: 132-133; 139-140.

10 *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos* (DL n.º 164/2014), de 04 de Novembro, acceso el 17 de marzo de 2020, http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2231&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so_miolo=).

11 A bibliografia produzida a partir dos trabalhos implementados no Alqueva é muito extensa. Na impossibilidade de a abordar de forma exaustiva, destacamos aqui um texto que deu a conhecer interessantes variáveis da realidade funerária do Baixo Alentejo: Catarina Alves et al, «Necrópole tardo-antiga da Torre Velha 3, Serpa (Baixo-Alentejo, Portugal)», en *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, coord. Por J. Jiménez Ávila, M. Bustamante y M. García Cabezas (Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, 2013), 1929-1966.

12 Considerando a temática e cronologia abordadas, citamos como exemplo: Sérgio Simões Pereira et al., «Espaços funerários no sítio da Quinta de Crestelos: do Baixo Império à Idade Média (Mogadouro, Portugal)» en *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coord. Por Juan Antonio Quirós Castillo (Vizcaya: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015), 161-179.

13 Caso da investigação levada a cabo em Torre de Avelãs. A este respeito, veja-se: Sofia Tereso et al, «Arqueologia funerária alto medieval da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança)», en *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coord. Por Juan Antonio Quirós Castillo (Vizcaya: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015), 145-160.

estabelecer um importante universo de análise que haverá que utilizar na discussão e subsequente construção de perspectivas de conhecimento mais amplas.

Importa, em paralelo, realçar também os contributos decorrentes de outros projectos de investigação recentemente delineados e que, muito embora não especificamente direccionados para o estudo das dinâmicas funerárias, se debruçam sobre os diversos tipos de contextos produzidos por comunidades camponesas num dado territorio.[14] Aliás, o grande interesse de que se revestem as escavações levadas a cabo em sítios como a Tapada das Guaritas (Castelo de Vide, distrito de Portalegre), prende-se com o facto de permitirem não apenas aferir cronologias de ocupação e estratégias de implantação na paisagem, mas também alicerçar a compreensão dos modos de vida e das actividade económicas que os sustentam: reflexos de um quotidiano experienciado por pequenas comunidades;[15] um quotidiano que agrega não só as múltiplas vertentes da vida, mas também da morte, dela indissociável.[16]

Não é objectivo deste texto proceder a uma revisão sistemática das estações identificadas e/ou escavadas na *Lusitania*: com efeito, propomo-nos antes concentrar a atenção num pequeno leque de áreas funerárias conhecidas que, na parte mais ocidental da velha província, e para o período em questão, integravam sepulturas providas de componente material. E atendendo à vocação do Congresso que serviu de mote à produção deste texto, seleccionámos para análise alguns dos sítios que proporcionaram a recolha de artefactos em que a prata surge como um dos materiais de fabrico. Ressalvamos, porém, a existência de um denominador comum a todos eles, e que representa, aliás, uma limitação de fundo à interpretação: o facto de, em praticamente todos os casos elencados, não serem plenamente conhecidas as especificidades do contexto estratigráfico de proveniência dos materiais. Não cremos, contudo, que esta debilidade incontornável, que de modo algum pretendemos escamotear, justifique o seu liminar afastamento da esfera da investigação:[17]

---

14 Atente-se nos trabalhos desenvolvidos no âmbito de dois Projectos de Investigação: o primeiro, designado "Povoamento Rural durante a Época Romana e a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo" (PNTA - PRATA), que contemplou a preparação da Tese de Doutoramento do responsável, André Carneiro (André Carneiro, «Nos limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo», en *Arqueologia de Transição: entre o mundo romano e a Idade Média*, coord. Por André Carneiro y Cláudia Teixeira (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017), 43; o segundo, por seu turno intitulado "Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide" (PIPA - PRAMCV) (https://arqueopramcv.jimdofree.com/in%C3%ADcio/), cujos objectivos, metodologias e resultados preliminares têm vindo a ser apresentados em diversas publicações, caso de: Sara Prata, «Articulação da paisagem rural pós-romana no território de Castelo de Vide (Portugal)», en *Fortificaciones, poblados y pizarras. La raya en los inicios del Medievo*, coord. Por Iñaki Martín Viso (Ciudad Rodrigo: Excmo. Ayuntamiento de Ciudad Rodrigo, 2018), 217-237. A Tese de Doutoramento da autora encerrará o *corpus* fundamental dos dados obtidos e a discussão deles decorrentes, pelo que aguardamos a publicação do referido trabalho, de que actualmente só a parte introdutória é consultável em linha (Sara Prata, *Arqueologia do povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide (séculos V-VIII)*. Tesis Doctoral (Salamanca: Universidade de Salamanca, 2018), https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/139869/REDUCIDA_Arqueologia.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

15 Sara Prata, «Objectos arqueológicos alto-medievais em contexto doméstico: o caso da Tapada das Guaritas (Castelo de Vide, Portugal)», en *O estudo dos manuscritos iluminados e dos artefactos na Arqueologia da Idade Média: metodologias em comparação*, Atti del Workshop Internazionale (Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 13 febbraio 2015), coord. Por Maria Alessandra Bilotta, Catarina Tente y Sara Prata (Palermo: Officina di Studi Medievali, 2017), 413-429.

16 Sara Prata, «Espaço, rituais e morte na Alta Idade Média: o caso das necrópoles da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)», en *Paisagens e Poderes no Medievo Ibérico. Actas do I Encontro de Jovens Investigadores em Estudos Medievais. Arqueologia, História e Património*, coord. Por Ana Cunha, Olímpia Pinto y Raquel de Oliveira Martins (Braga: CITCEM, 2014), 50-51.

17 Andreia Arezes, «Comparison as an approach to study decontextualized artefacts: a perspective about its potentialities and limits», en *Rethinking comparison in Archaeology*, coord. Por Ana Vale, Joana Alves-Ferreira y Irene Garcia Rovira (Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2017), 138-156.

pelo contrário, estes, a par de vasta panóplia de outros artefactos conservados nas reservas dos museus, representam um *corpus* não negligenciável de elementos que não chegaram a ser devidamente estudados, pelo que, consequentemente, prefiguram um desafio passível de integrar novas pesquisas. Seria, pois, crucial, voltar a perscrutá-los e conceder-lhe as releituras possíveis.

Herdade da Torre das Arcas (Elvas, distrito de Portalegre)

O primeiro dos sítios a abordar consta de Torre das Arcas, necrópole do nordeste alentejano onde, em meados do século XX, foram escavadas 79 sepulturas:[18] número que, muito embora considerável, não reflecte o total de dispositivos funerários identificados na área, que ascenderia a, pelo menos, 84 túmulos.[19]

Torre das Arcas recebeu enterramentos em diversas fases, e segundo diferentes rituais. As informações acerca das características de cada uma dessas fases não são abundantes,[20] mas parecem sugerir que, se em geral a inumação sucedeu à incineração, pelo menos a partir do século II d.C., nalguns momentos ter-se-á verificado uma coexistência de práticas.[21]

A propósito das diferentes opções materializadas, António Dias de Deus, o Padre Henrique da Silva Louro e Abel Viana destacam uma situação peculiar verificada em dois dos sepulcros: a sobreposição de «[…] cinzas, restos de carvões, terra e ossos queimados, e material fúnebre […]» aos restos esqueletizados de um indivíduo inumado na «camada do fundo».[22] Note-se, contudo, que em publicação do mesmo ano, mas da autoria de apenas um dos signatários, a descrição apresentada a respeito do posicionamento dos estratos e vestígios associados é inequivocamente oposta: «[…] em quatro sepulturas havia provas de se terem nelas feito inumações sobre anterior tumulação de urnas cinerárias, com leitos de cinzas e ossos calcinados […]».[23] Ora, esta segunda sequência espelharia a sucessão ritual mais regular expectável para o espectro cronológico de ocupação da necrópole; a primeira, por seu turno, seria algo singular. Mas, a ser válida esta observação, talvez possa remeter para uma outra realidade: os resíduos de cinzas e ossos queimados, talvez até pertencentes a animais, e justapostos a uma inumação, não seriam antes compatíveis com a realização de *refrigeria*, comummente associados à realização "banquetes funerários"?[24] Uma prática cujas raízes recuam ao mundo pagão romano, mas cuja persistência surge atestada

---

18 António Dias de Deus, Henrique da Silva Louro y Abel Viana, «Apontamento de Estações romanas e visigóticas da região de Elvas», Separata de *La Cronica* (1955): 574.

19 Ana Mónica Rolo, *O mundo funerário romano no Nordeste Alentejano (Portugal) - O contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de Doutoramento (Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2018), 232, acceso el 4 de septiembre de 2019, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37249.

20 Não obstante, e com base no amplo trabalho desenvolvido em torno desta necrópole, nomeadamente, de análise dos materiais recuperados, Ana Mónica Rolo propõe um faseamento para as tumulações deste sítio, com arranque em meados do século I d.C. e prolongamento até à VI ou VII centúrias (Rolo, *O mundo funerário romano…*, 235-237).

21 Abel Viana y António Dias de Deus, «Necropolis de la Torre das Arcas», Separata de *Archivo Español de Arqueología* (1955): 263; Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. I, 235.

22 Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas»: 575.

23 Abel Viana, «Notas de Arqueologia Alto Alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Vilosa)», Separata de *A Cidade de Évora* (1955): 9.

24 Ricardo González-Villaescusa, *El mundo funerario romano en el País Valenciano. Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d. C.* (Madrid-Alicante: Casa de Velázquez, Instituto Alicantino de Cultura .Juan Gil-Albert, 2001).

em diversos pontos da geografia peninsular,[25] não apenas do ponto de vista arqueológico, mas também ao nível da própria documentação conciliar.[26]

As possibilidades de esclarecer cabalmente esta e outras interrogações suscitadas por algumas contradições patentes nos textos dos responsáveis pela intervenção em Torre das Arcas são quase nulas. Mas há, em contrapartida, algumas indicações seguras: como as que apontam para o facto de as estruturas de inumação, quantitativamente prevalentes, e construídas com recurso a diferentes materiais, numa conjugação multíplice de soluções arquitectónicas, terem gerado escassa componente artefactual.[27] Acerca da natureza e vocação dos artefactos tardios recuperados, estatisticamente pouco representativos, importa notar que se circunscrevem a jarros cerâmicos[28] de contenção de líquidos, tipo de peça com ocorrência comum em enterramentos atribuídos aos séculos VI e VII.[29] Aqui, assim como noutros pontos da Península, vasos votivos como estes, que poderiam conter oferendas,[30] seriam produzidos localmente, e apesar de as formas apresentadas derivarem de originais romanos, os fabricos seriam menos finos e depurados.[31]

Em paralelo, e muito embora recuperadas em estruturas preparadas para diferentes ritos e, consequentemente, em enquadramentos cronológicos potencialmente divergentes, parece-nos pertinente sinalizar a concretização de recolhas funerárias menos expectáveis, caso de escória de ferro.[32]

E, a propósito desta questão, é importante ter em conta que nos terrenos desta necrópole composta por estruturas com diferentes configurações e orientações, por vezes reutilizadas,[33] terão sido várias as minas exploradas: de cobre, ferro, enxofre e prata. Por conseguinte, o processo de extracção e transformação do minério que ali teve lugar[34] poderá ter influído directamente na criação da ambiência funerária do sítio: quer através da incorporação de resíduos de produção nas sepulturas, quer através do fornecimento da matéria de base que proporcionou o fabrico de alguns dos artefactos que acabaram por ser canalizados para o interior dos dispositivos. Nalguns

---

25 Gisela Ripoll López, «Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de Hispania», *Espacio, Tiempo y Forma* 2 (1989), 417.

26 O cânone LXIX do II Concílio de Braga, celebrado em 572, veicula a seguinte proibição: «[…] No está permitido a los cristianos llevar alimento a las tumbas de los difuntos, ni ofrecer a Dios sacrificios en honor de los muertos […].» (José Vives, *Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963), 102.

27 Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas»: 575; Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. I, 225, 232.

28 Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. I, 232, 237.

29 Andreia Arezes, «Formas cerâmicas e seu significado simbólico na Alta Idade Média», en *Actas do* X *Congresso Internacional - A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 2012), coord. por Maria José Gonçalves y Susana Gómez-Martínez (Silves y Mértola: Câmara Municipal de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, 2015): 239.

30 Astrid Flörchinger, *Romanische Gräber in Südspanien: Beigaben und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchennekropolen* (Marburg: Marburger Studien zur und vor Frühgeschichte, 1998), 100; Marco Liberato y Helena Santos, «Cerâmicas alto-medievais de Santarém, Portugal: aspectos formais e tecnológicos», en *Cerámicas Altomedievales en Hispania y su entorno (s. V-VIII)*, coord. Por Iñaki Martín Viso, Patricia Fuentes Melgar, José Carlos Sastre Blanco y Raúl Catalán Ramos (Valladolid: Glyphos Publicaciones, 2018), 238.

31 Chris Wickham, *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean*, 400-400 (Oxford: University Press, 2005), 742-743.

32 Um dos fragmentos figurava numa sepultura de inumação; um segundo, numa de incineração. Outros, em contrapartida, não possuem contexto conhecido (Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. I, 120; 232).

33 Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas»: 575; Viana y Deus, «Necropolis de la Torre das Arcas»: 263.

34 Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. I, 232-233.

casos, na sequência de determinado lapso de tempo de utilização; noutros, porventura, sem sequer terem sido sujeitos a uso efectivo.

Terrugem (Elvas, distrito de Portalegre)

É sabido que em muitos pontos da *Lusitania* (e, aliás, do território peninsular no seu todo), a identificação, por um lado, da necrópole e, por outro, da área de *habitat* que com ela se articulava, nem sempre configura uma possibilidade para o período em análise. Se nalguns casos se procedeu ao reaproveitamento e/ou reconversão de espaços e dispositivos previamente existentes,[35] promovendo dinâmicas de destruição e reutilização, e criando quase que "palimpsestos" de uso, noutras situações as dificuldades de rastreamento poderão ficar a dever-se à natureza das estruturas domésticas que integram os contextos habitados. Com efeito, e conforme demonstrado em trabalhos recentes (levados a cabo não apenas nalguns lugares da antiga *Lusitania,*[36] mas também noutras áreas do território peninsular, junto de Madrid[37] ou na bacia do Douro[38]), o facto de as estruturas poderem ter sido erguidas com base em materiais perecíveis e delas restarem, não raro, apenas os negativos escavados e, consequentemente, dissimulados no terreno, em muito terá contribuído para as dificuldades de detecção e, consequentemente, para a "invisibilidade" desta realidade. Na verdade, só mediante a implementação de escavações arqueológicas regidas por metodologia adequada é possível aferir a sua presença no terreno.

Em contrapartida, note-se que no âmbito de intervenções conduzidas em antigas *villae* com necrópoles cristãs correlacionadas, nem sempre as áreas funerárias receberam a atenção devida, sendo que as publicações delas decorrentes se limitaram por vezes a noticiar a sua existência, e apenas pontualmente a fornecer dados relativos às particularidades dos espaços, estruturas tumulares e/ou dos mortos nelas sepultadas.[39] Na verdade, diríamos que, não raro, o enfoque e objectivos específicos que orientaram a concretização de uma série de trabalhos de campo acabaram por se assumir como uma limitação para a recolha de dados procedentes de contextos cuja presença poderia não ser expectável ou, simplesmente, um âmbito que se pretendesse explorar, perdendo-se a oportunidade de produzir estudos de fundo que articulassem todos os contextos no seu conjunto.

De qualquer modo, e contrariando aquela que é, ainda hoje, uma debilidade em termos de conhecimento arqueológico em muitos pontos da geografia peninsular, na Terrugem, uma antiga *villa* romana, reconvertida em fase tardia da Antiguidade,[40] foi possível reconhecer os dois espaços:

---

35 Isabel Sánchez Ramos, «La cristianización de las necrópolis de *Cordvba*. Fuentes escritas y testimonios arqueológicos», *Archivo Español de Arqueología* 80 (2007): 197; Josep Gurt I Esparraguera y Isabel Sánchez Ramos, «Topografía funeraria de las ciudades hispanas en los siglos IV-VII», *Madrider Mitteilungen* 52 (2011): 470; 474.

36 Lígia Vaqueira, *O sítio de Torre Velha 3 entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média: Contextos materiais do "Ambiente II"*. Dissertação de Mestrado (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015), 48-52, acceso el 13 de diciembre de 2019, https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29893.

37 Alfonso Vigil-Escalera, «El registro arqueológico del campesinado del interior peninsular en época altomedieval», *Arqueologia Medieval* 6 (2013), 235-241.

38 Carlos Tejerizo García, *Arqueología de las sociedades campesinas en la cuenca del Duero durante la Primera Edad Media* (Universidad del País Vasco, 2017), 71; 117.

39 Catarina Tente y António Faustino Carvalho, «Sepulturas e necrópoles»: 133-134.

40 Note-se que este tipo de correlação, e a associação de enterramentos tardios a vestígios romanos configura uma realidade amplamente ilustrada em território peninsular. Em concelho vizinho do de Elvas, Castelo de Vide, podemos apontar como exemplos os sítios de Vale da Bexiga e Vale do Cano (Sara Prata, «Espaços, rituais»: 50-51, ou o do Mascarro (Arezes, *O mundo funerário…*, 270-271).

o dos mortos e o dos vivos, que terão funcionado contemporaneamente, e de modo complementar.[41] Atentemos então nas características de necrópole, de cuja real extensão e número primordial de tumulações não há indicadores seguros.[42]

Conforme evidenciado pela planta publicada em 1950 por Abel Viana,[43] os sepulcros apresentavam diversas orientações, denunciando estratégias divergentes de implantação no terreno; além do mais, foram preparadas com base em materiais diferenciados (tégula, xisto, ou mesmo mármore),[44] testemunhando não apenas o recurso à matéria prima disponível no local mas, de igual modo, também o reaproveitamento de materiais que integravam estruturas entretanto desmanteladas. Uma conjugação de indícios sugestivos de facto de, à semelhança do verificado em Torre das Arcas, também aqui se terem realizado deposições num tempo longo, em concordância com objectivos, preceitos e crenças não necessariamente unívocos. Não obstante, e apesar das discrepâncias identificáveis, tudo indica que a estrutura quadrangular de granito observável na parte central da necrópole[45] (provável mausoléu ou templo) poderá ter funcionado como centro gerador de uma certa ordem,[46] ainda que não totalmente clara; como estrutura polarizadora de um espaço que tornou sacro, e em torno da qual os túmulos (reabertos uma e outra vez[47]), se foram acondicionando.

Considerando agora as recolhas artefactuais documentadas, começamos por salientar um dado de crucial importância, e que se prende com o facto de a metodologia aplicada nas escavações que as geraram (neste, como noutros dos casos aqui explorados) padecer de inequívocas fragilidades, à luz dos parâmetros de rigor científico que actualmente seriam considerados essenciais. Feita a ressalva, notamos que, no âmbito do conjunto conhecido (desconhecemos se ilustrará a realidade original ou o resultado de uma triagem que favoreceu a não recolha de materiais muito fragmentados,[48] em favor da colecta dos mais chamativos), a prevalência esmagadora recai sobre os artefactos metálicos: de adorno (de que constitui exemplo o brinco anelar[49] com apêndice facetado observável na Fig. 1) e votivo (testemunhado, desde logo, pela exumação de um recipiente de liga de cobre, provável bacia, patente na Fig. 2).[50]

Não obstante, há outros elementos votivos a sinalizar.

O mais notável remete para uma colher de prata (Fig. 3). Fundida em molde e provida de uma inscrição de indubitável valor cristológico, *AELIAS VIVAS IN CHRISTO*, repousava junto

---

41 Rolo, *O mundo funerário…*, 80.

42 André Carneiro, *Povoamento rural no Alto Alentejo em época Romana. Lugares, tempos e pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e a Antiguidade Tardia.* Tese de Doutoramento. (Évora: Universidade de Évora, 2011), 176, acceso el 7 de abril de 2014, https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12331.

43 Abel Viana, «Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* XII, fasc. 3-4 (1950), fig. 19.

44 Viana, «Contribuição para a arqueologia», 301; Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas»: 571.

45 Viana, «Contribuição para a arqueologia», 301.

46 Carneiro, *Povoamento rural no Alto Alentejo…*, 174;189.

47 Com efeito, a reutilização das estruturas sepulcrais configurava característica recorrente desta necrópole (Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas», 572; Viana, «Contribuição para a arqueologia», 301).

48 Note-se que esta foi a metodologia adoptada, por exemplo, na exumação dos materiais da sepultura 38 de Torre das Arcas, conforme evidenciado pela aplicação da expressão «[…] ajuar aprovechado […]» (Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. 1, 96).

49 Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. 4, 3167.

50 Deus, Silva y Viana, «Apontamento de estações romanas», 572; Rolo, *O mundo funerário romano…*, vol. 4, 3209.

de um vaso de vidro não preservado, no interior de um sepulcro com cobertura e fundo de tijolo, e de reduzida dimensão, ao que tudo indica preparada para receber um indivíduo infantil,[51] Importa, pois, atentar neste contexto: uma estrutura pequena e em nada magnificente, que contém a inumação de um não adulto (Elias?), acompanhada de uma peça de excepção, provavelmente em razão do vínculo que o ligava a alguém de posição destacada.

Um cristão, ou filho de cristão? Talvez… Mas o que significaria ser cristão na *Lusitania* profunda do século V, altura em que não havia uma só liturgia firmada,[52] em que as superstições e heresias grassavam, nomeadamente em meio rural? [53] Com efeito, não só era notória a diversidade de liturgias, com diferenças ao nível dos textos, ritos e respectivos modos de execução, como importante a disseminação de "desvios" da ortodoxia, plasmados, nomeadamente, no arianismo[54] e priscilianismo, este gerado precisamente nos territórios do sul da *Lusitania*, no derradeiro quartel do século IV.[55]

Aliás, como articular a presença da colher com a do recipiente vítreo, quando este último se afigura uma reminiscência dos velhos costumes pagãos? Tão fluída seria a comunicação entre cada um destes domínios (o cristão e o pagão, que nos habituamos a pensar como pólos opostos) que o convívio no túmulo entre elementos representativos de cada um deles acabaria por não representar um paradoxo ou uma contradição: apenas uma conjugação de crenças, as recônditas e as emergentes.

As problemáticas suscitadas pelas «cochleares»

São várias as questões aventadas por estas peças, as *cochleares*, vulgarmente designadas colheres litúrgicas, e classificadas como cristãs primitivas ou mesmo visigóticas, conforme registado por García y Bellido.[56] Mas seria o uso específico que lhes era conferido efectivamente litúrgico, na estrita acepção da palavra? Na verdade, quando identificadas em contexto arqueológico, surgem fundamentalmente como parte de acumulações ("tesouros") ou de enterramentos.[57] Ainda assim, foram vários os autores a afirmar que um dos propósitos subjacentes à produção destes objectos seria precisamente o de os utilizar no momento da comunhão, como veículo da Eucaristia, obedecendo a uma prática que remonta aos tempos de afirmação do cristianismo Oriental, e cuja continuidade no Ocidente se encontraria atestada, do ponto de vista textual e iconográfico, em

---

51 Viana, «Contribuição para a arqueologia», 301; Arezes, *O mundo funerário na Antiguidade Tardia…*, 294; Rolo, *O mundo funerário romano…*, 249.

52 Ana Maria Jorge, *L'Épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (III – VIIe siècles)* (Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002), 30, acceso el 7 de octobre de 2013, http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/publications/trabalhos-de-arqueologia-21-lepiscopat-de-lusitanie-pendant lantiquite-tardive-iiie-viie-siecles; Juan Carlos Elorza, «Notas sobre las llamadas cucharillas litúrgicas romano-visigodas localizadas en Hispania: la colección del Museo Arqueológico Nacional», Anejos de *Gerión* I (1988): 383-384.

53 Ana Maria Jorge, *L'Épiscopat de Lusitanie…*, 133; José Mattoso, «A época Sueva e Visigótica», en História de Portugal. Antes de Portugal, vol. 1, coord. por José Mattoso (Lisboa: Círculo de Leitores, 1992), 313.

54 Ana Maria Jorge, «A dinâmica da cristianização e o debate ortodoxia/heterodoxia. O eclodir da dissidência: a querela arianista», en *História Religiosa de Portugal*, vol. 1, coord. por Ana Maria Jorge y Ana Maria Rodrigues (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000), 25-29.

55 Ana Maria Jorge, «Priscilianismo», en *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, coord. por Carlos Manuel Azevedo (Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001), 63-64.

56 Antonio García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos de la Península Hispánica», *Conimbriga* X (1971): 93.

57 Elorza, «Notas sobre las llamadas cucharillas litúrgicas», 385.

fontes literárias e manuscritos medievais.[58] Mais recentemente, porém, tal hipótese começou a ser encarada com reservas, na medida em que a prática mencionada nunca teria chegado a afirmar-se como frequente no Ocidente.[59] Porém, tão pouco é frequente a ocorrência destas colheres.

Mas outros cenários foram igualmente apontados como passíveis de ter enquadrado a utilização destes artefactos.[60] Um deles, que nos parece pertinente trazer aqui à colação, atendendo à especificidade da *cochleare* da Terrugem, aponta para o seu uso aquando da realização do Baptismo, contexto em que serviriam para derramar a água sobre a cabeça do baptizado. Nestes casos, justificar-se-ia que o nome do recebedor do sacramento ou, em alternativa, aclamações como *Vivas em Deus* ou *Vivas em Cristo*, aparecessem inscritas em destaque na concha metálica, conferindo aos objectos em causa um carácter apotropaico ou profilático.[61]

Todavia, e muito embora esta hipótese se afigure sedutora, não poderíamos deixar de chamar a atenção para o facto de, em torno dos séculos V-VI e, em vários pontos da *Hispania*, até ao VIII, o Baptismo ser feito através de imersão. Aliás, e a propósito, importa assinalar a existência de baptistérios nas relativas proximidades da Terrugem, como o de Torre de Palma ou São Jorge de Vila Verde do Ficalho, a funcionar precisamente neste período.[62] Acresce sublinhar que o uso de colheres aquando da cerimónia do Baptismo parece consubstanciar uma realidade que, do ponto de vista cronológico, só terá sido implementada em período posterior, medieval ou mesmo moderno.[63] Ou seja, a consideração desta segunda possibilidade acaba, igualmente, por não garantir o afastamento das dúvidas. De qualquer modo, e independentemente do uso prévio que tenha sido votado a tais peças, em geral, e à colher da Terrugem, em particular, entendemos que a sua deposição sepulcral estaria indubitavelmente carregada de forte significado.

Ora, em 1971, aquando da redacção do seu artigo sobre *cochleares*, García y Bellido salientava serem escassos os exemplares então conhecidos na *Hispania*. E, curiosamente, todos tinham sido detectados na faixa actualmente portuguesa da *Lusitania*.[64] Alguns anos volvidos, Juan Carlos Elorza engrandeceu enormemente o acervo inventariado. E o primeiro avanço do seu contributo centrou-se precisamente na publicação de uma série de exemplares tardios conservados no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid. Desse conjunto sinalizamos um, pelo facto de mostrar similitudes face ao da Terrugem em termos de configuração, muito embora não seja dotado de inscrição.[65] Pelos mesmos motivos, apontamos também a colher argêntea supostamente recuperada em Nossa Senhora da Luz (Lagos), igualmente destituída de inscrição, mas provida

---

58 García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 95.

59 Elorza, «Notas sobre las llamadas cucharillas litúrgicas», 384.

60 Registe-se também uma possibilidade que não será discutida neste texto: o uso nas comunhões *sub utraque specie*, em conformidade com a corrente que defendia que a Eucaristia devia ser administrada aos fiéis em ambas as espécies: pão e vinho (García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 96).

61 García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 95-96.

62 Mélanie Wolfram, *Uma síntese sobre a Cristianização do Mundo Rural no sul da Lusitania. Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia*. Tese de Doutoramento (Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011), vol. I, 44; 115, acceso el 9 de mayo de 2012, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5678. Mélanie Wolfram y António Monge Soares, «Baptismo e baptistérios durante a Antiguidade Tardia no Império romano ocidental. O exemplo de Vila Verde de Ficalho (Beja, Portugal)», en *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão*, coord. por Susana Gómez-Martínez, Santiago Macias y Virgílio Lopes (Mértola: Campo Arqueológico de Mértola), 61; 68.

63 Wolfram, *Uma síntese sobre a Cristianização…,* 32.

64 García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 93; 95.

65 Elorza, «Notas sobre las llamadas cucharillas litúrgicas», 388-389, fig. 5.

de decoração, alusiva às aparentes nervuras de uma folha.[66] Por último, uma nota ainda para a *cochleare* detectada na sepultura 22 da necrópole da Caldeira (Troia, Setúbal): túmulo onde, segundo apontamentos de Manuel Heleno, a pequena colher de prata se encontrava ladeada por duas lucernas.[67] Uma vez mais, um contexto que desafia a classificação, e que exige releituras.

Na verdade, e conforme acima exposto, as "tradicionais" propostas de interpretação aventadas não parecem fornecer explicações sólidas a respeito do sentido conferido à deposição de *cochleares* em enterramentos, um dos contextos privilegiados de ocorrência destas peças no mundo tardio.[68] Para compreender plenamente esse sentido, seria interessante procurar aferir não apenas a ligação entre o objecto e o morto ao qual foi associado, mas também o "percurso" do artefacto até ao momento do seu encerramento na sepultura.[69] Uma das múltiplas possibilidades que vem sendo largamente discutida, é certo que não especificamente a respeito deste tipo de elemento, mas para a globalidade dos artefactos que acabaram introduzidos em tumulações, é a de configurarem dádivas aos defuntos. Ora, o acto de promover uma dádiva pode revestir-se de forte significado. A propósito das necrópoles merovíngias, por exemplo, Guy Halsall sugere que o rito do sepultamento em estruturas dotadas de componente material significativa seria público e que, neste sentido, estaria longe de poder ser encarado como simples reflexo passivo da realidade social. Pelo contrário, traduziria o ensejo, por parte dos detentores do poder local, de manter ou reforçar uma posição que poderiam sentir ameaçada.[70] Já Mirjam Kars, por seu turno, entende que a ampla variedade de artefactos englobados nas estratégias de dádiva e contra-dádiva indicia a possibilidade de estas serem passíveis de envolver diferentes grupos sociais: algo que retiraria às elites e aos guerreiros o exclusivo do recurso a tais dinâmicas, abrindo-as a outros indivíduos e grupos.[71] De qualquer modo, e malgrado as diferenças de modelos interpretativos apresentados pelos dos dois autores, ambos questionam o facto de a componente artefactual detectada nos enterramentos merovíngios dever ser necessariamente perspectivada como pessoal,[72] algo que John M. King havia já equacionado a respeito dos enterramentos anglo-saxónicos. King defendeu, aliás, a necessidade de refrear as inferências que correlacionam de modo directo a opulência dos elementos canalizados para o túmulo (suposto produto da riqueza auferida em vida) com uma

---

66 Fernando de Almeida, «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português* (1962): 236, est. LVIII, fig. 323 y 324; García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 94; fig. 2.

67 João Almeida, *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia (Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008), 56; 246, acceso a 10 de marzo de 2014, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/362. Note-se que, no quadro das *cochleares* publicadas por García y Bellido, corresponderia, supostamente, ao artefacto de cronologia mais recuada (García y Bellido, «Cochleares romano-visigodos», 97).

68 São efectivamente vários os casos documentados no espaço peninsular, e para uma cronologia que pode recuar pelo menos ao século IV. É o que acontece, por exemplo, na área funerária da Vega de Balazote, em Alicante, onde um enterramento múltiplo proporcionou a recolha de uma colher de bronze de tipo *ligula*, em associação com uma sítula - igualmente de bronze - e com um vaso cerâmico (Julia Sarabia Bautista, *La villa de Balazote (Albacete). Un ejemplo de la vida en la campiña entre el Alto y el Bajo Imperio Romano* (Alicante: Universidad de Alicante, 2012), 300.

69 Mirjam Kars, *A cultural perspective on Merovingian burial chronology and the grave goods from the Vrijthof and Pandhof cemeteries in Maastricht* (Amsterdam: University of Amsterdam, 2011), 35.

70 Guy Halsall, *Cemeteries and Society in Merovingian Gaul: Selected Studies in History and Archaeology, 1992-2009* (Brill: Leiden), 125.

71 Kars, *A cultural perspective on Merovingian burial chronology and the grave goods…*, 45-46.

72 Segundo M. Kars: "[…] Some objects entered the system of inheritance, some did not, and some objects were probably selected at the moment of burial from family property, from the objects available through circulation at that specific moment (occasional objects), or were specifically acquired by the burial community to serve their ambitions. […]" (Kars, *A cultural perspective on Merovingian burial chronology and the grave goods…*, 46).

presumível vontade de assegurar a continuidade dessa mesma riqueza na morte. Sublinhou, em contrapartida, a relevância da relação social estabelecida entre o ofertante da dádiva, e o defunto que a recebe.[73] Poderemos transpor esta proposta e repensar a deposição da colher da Terrugem? Repensar, designadamente, a pretensa "identidade" do indivíduo sepultado na pequena estrutura de inumação, e o pretenso vínculo pessoal que o ligaria à peça? Interrogações que, naturalmente, continuarão sem reposta cabal, mas que ampliam perspectivas de pensamento.

Em paralelo, e tendo ainda as problemáticas que envolvem as *cochleares* como pano de fundo, há que salientar o facto de este tipo de artefacto ter vindo a ser igualmente identificado como integrante de acumulações, vulgarmente chamadas de "tesouros". Com efeito, a prática da ocultação de bens é conhecida em diferentes períodos e responde a motivações intrinsecamente diversas: veja-se, por exemplo, como o escondimento de objectos, com intenção de recuperação posterior, tem sido reportada enquanto materialização de conjunturas instáveis, e do inerente perigo de saque. Claro que, em situações deste género, nem sempre a homogeneidade tipológica ou formal dos artefactos guardados configurará uma prioridade.[74] E, aliás, mesmo que as circunstâncias que determinam a ocultação sejam de outra ordem, a variabilidade da composição poderá, ainda assim, constituir uma evidência. O designado "tesouro bizantino" de la Alcudia (Elche), que a par de mais de uma dezena de colheres de prata, abarcava 250 moedas de bronze e uma série de elementos áureos (entre os quais se destacam anéis e brincos),[75] é precisamente representativo de uma heterogeneidade que, acima de tudo, parece reflectir uma preocupação de salvaguarda que se articula directamente com o valor intrínseco dos objectos.

Torres de Apra (Loulé, distrito de Faro)

Avançamos agora para o Algarve, onde começamos por nos deter em Torres de Apra, sítio identificado no século XIX por Estácio da Veiga, um dos precursores da Arqueologia científica em Portugal.[76] Na área necropolizada de Torres de Apra, acerca da qual são escassos os dados disponíveis, foi recolhido um conjunto diversificado de materiais sugestivos, em razão da discrepância cronológica do seu enquadramento, da existência de mais do que uma fase de enterramentos: uma romana e outra, tardia.[77] Concentremo-nos, então, nos artefactos atribuíveis aos séculos VI-VII. Constam de elementos destinados ao atavio do corpo, enformando tipos que exibem morfologias bem disseminadas entre as populações hispano-visigóticas: um brinco anelar, um bracelete com remate em forma de cabeça de ofídio, e dois anéis, recuperados em associação numa sepultura, onde jaziam a par de dois búzios perfurados, que talvez tenham pertencido a um colar ou pulseira. Como denominador comum à generalidade dos adornos metálicos aponte-se o facto de terem sido

---

73 John M. King, «Grave-goods as gifts in Early Anglo-Saxon Burials (ca. AD 450-600)», *Journal of Social Archaeology* 4 (2004): 214-238.

74 Chris Wickham, *Framing the Early Middle Ages…*, 209-210.

75 Alejandro Ramos Folqués, «Un tesorillo bizantino en La Alcudia», *Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español. Elche 1948* (Alicante: Biblioteca Virtual de Miguel de Cervantes, 2005), 510-511.

76 Carlos Fabião, «Estácio da Veiga e a Carta Archeologica do Algarve (1876-1891): o nascimento da moderna arqueología portuguesa», en *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a debate*, coord. por José Beltrán Fortes, Carlos Fabião y Bartolomé Mora Serrano (Sevilla: Colección Spal Monografías de Arqueología, 2019), 79; 82.

77 Isilda Martins, *Arqueologia do Concelho de Loulé* (Loulé Câmara Municipal de Loulé, 1988), 128-130; Andreia Arezes, «O mundo funerário visigótico no território louletano: sítios, práticas e materiais», en *Loulé: Territórios, memórias e identidades*, coord. por António Carvalho, Dália Paulo y Rui de Almeida (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017), 419.

fundidos em molde, e quase que integralmente produzidos em liga de cobre. A excepção a este panorama regular recai num dos anéis (Fig. 4): uma peça argêntea singular, para a qual, até ao momento, não foi encontrado paralelo razoavelmente próximo.[78] A mesa, levemente reentrante, é decorada com uma moldura de contorno sub-triangular, incisa, no interior da qual avulta um motivo floral estilizado. Já no que concerne ao segundo anel (Fig. 5), de liga de cobre, apresenta-se dotado de uma mesa rectangular saliente, em cujos limites superior e inferior se destaca uma sequência de elementos puncionados; no campo central, quatro caracteres alfabéticos incisos. E foi possível reconhecer-lhe afinidades com outras peças. Uma delas, porventura, a mais similar no quadro da bibliografia consultada, foi exumada na necrópole de Los Afligidos, em Alcalá de Henares, na Meseta Castelhana,[79] uma região onde é densa a concentração de espaços funerários classificados como visigóticos.[80]

Registe-se que o anel configura, naturalmente, um objecto de adorno do corpo. Mas importa sublinhar que este tipo de adereço poderá ser susceptível de exteriorizar o notoriedade de quem o utiliza, ou de veicular algum tipo de mensagem, eventualmente propiciatória ou identitária. Se ao longo do período de vigência do Império Romano a sua utilização parece ter sido mais circunscrita, sendo encarada sobretudo como apanágio de personagens mais proeminentes,[81] em fase tardia verificou-se um considerável incremento do uso dos de bronze ou cobre. Não admira, pois, que tenham acabado por se converter em elementos metálicos prevalentes nos sepulcros comummente classificados como hispano-visigóticos.[82] E aliás, estando recorrentemente presentes tanto em sepulturas femininas como masculinas, não parece haver dúvidas que, à semelhança das fíbulas e placas de cinturão, poderiam ser utilizados por ambos os géneros.[83]

Conimbriga (Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra)

A nossa última referência leva-nos para norte, até às margens do Ega, um afluente do Mondego. Concretamente, seguimos para *Conimbriga*, sítio longamente ocupado, mas conhecido sobretudo quer pelo papel desempenhado enquanto *municipium* romano,[84] quer pelos vestígios materiais que subsistem dessa fase. Na segunda metade do século V, conforme descrito na narrativa coeva de Idácio de Chaves, terá sido atacado e saqueado no quadro de duas investidas suevas, respectivamente, em 465 e 468.[85] E, de facto, a arqueologia atestou a existência de níveis de incêndio e destruição atribuíveis à referida centúria.[86] Contudo, e desta feita, contrariando a voz de

78 Arezes, «O mundo funerário visigótico no território louletano», 419; 441.

79 Arezes, «O mundo funerário visigótico no território louletano», 419; 441.

80 Gisela Ripoll López, «Características generales del poblamiento», 391.

81 Wilhelm Reinhart, «Los anillos hispano-visigodos», *Archivo Español de Arqueologia* [20]:68 (1947): 167.

82 Arezes, *Elementos de adorno altimediévicos em Portugal (séculos V a VIII)* (Noia: Editorial Toxosoutos, 2011), 117. Carlos Pereira, *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitania.* Tese de Doutoramento (Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014), 205, acceso el 26 de agosto 2019, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11460.

83 Arezes, *Elementos de adorno…*, 117.

84 Jorge de Alarcão, *Conimbriga. O chão escutado* (Lisboa: Edicart, 1999), 33.

85 Hydace, *Hydatii Gallaeciae Episcopi Chronicon*. Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy (Paris: Éditions du Cerf, 1974), 171; 175.

86 Jorge de Alarcão y Robert Étienne, *Fouilles de Conimbriga. L'Architecture*, vol. 1 (Paris: Diffusion E. de Boccard, 1977), 237-240; Jorge de Alarcão et al., *Fouilles de Conimbriga. Trouvailles diverses, conclusions générales*, vol. 7. (Paris: Diffusion E. de Boccard, 1979), 255; Alarcão, *Conimbriga. O chão…*, 75.

Idácio, que assegurava que na sequência das devastações suevas, o sítio e a região envolvente se converteram num deserto,[87] a arqueologia, a par da própria documentação conciliar, demonstraram a continuidade da ocupação de *Conimbriga.*[88] Uma ocupação que, de facto, não se esgotou, antes se manteve, ainda que em moldes radicalmente distintos. Testemunho paradigmático das transformações que tiveram lugar a partir do século IV é a própria reconversão do monumental *forum* imperial Flávio,[89] a cuja construção, por seu turno, se tinha ficado a dever o arrasamento de estruturas prévias, algumas erguidas na Idade do Ferro, outras já sob o domínio de Augusto.[90] Mantendo a proporção vitruviana dos dois terços, o *forum* que se assumira como espaço central e vital da urbe, acabaria por receber enterramentos.[91] E, note-se, a transformação em causa é especialmente significativa, na medida em que não pode ser perspectivada apenas como uma nova faceta ao nível do domínio prático da utilização. Traduz uma mudança profunda da forma de viver o espaço da cidade, uma alteração da sua orgânica e compartimentação, vectores em si mesmos ilustrativos do que significava "ser romano".

Ora, coloca-se a hipótese de ter sido precisamente uma das sepulturas preparadas no antigo *forum* a gerar um conjunto peculiar, constituído por duas peças que se diferenciam das demais que aqui apresentamos: uma espora (Fig. 6) e uma espada (Fig. 7), ambas feitas de ferro, mas dotadas de fios decorativos de prata, pormenor que lhes conferiu um refinamento particular.[92]

A espora e a espada: dois artefactos atribuídos ao século VI que, eventualmente, pertenceriam ao mesmo cavaleiro, provavelmente bem posicionado em termos sociais e económicos.[93] Ora, a ausência de um registo específico relativo ao contexto de procedência, impede-nos de interpelar de modo pleno a sua composição. Não obstante, importa sublinhar o enorme relevo que os materiais de vocação militar granjeavam no mundo tardo-antigo. Se por um lado configuravam elementos propícios à manifestação, e consequente rastreamento, de diferenças entre grupos,[94] por outro, podiam assumir-se como bens de vulto. Aliás, e no que às espadas diz respeito, considerando uma ocorrência residual, por vezes aliada ao valor intrínseco dos materiais utilizados na produção, é provável que pudessem ser entendidas como autênticas peças de excepção, passíveis de conferir prestígio e notoriedade a quem as possuísse e, eventualmente, manejasse. Por conseguinte, e ainda

---

87 «[…] 241. II. Conimbriga, surprise en paix, est pillée; les maisons et une partie des murailles rasées, les habitants sont capturés et déportés: la cité et sa région ne forment plus qu'un désert […]» (Hydace, *Hydatii Gallaeciae Episcopi Chronicon…*, 175).

88 Jorge de Alarcão, «Conimbriga, 20 anos depois», en *Perspectivas sobre Conimbriga*, coord. por Virgílio Hipólito Correia (Conimbriga, Museu Monográfico de Conimbriga, 2004), 99-111; Alarcão, *Conimbriga. O chão…*, 26-29; Alarcão et al., *Fouilles de Conimbriga*…, 225; 244.

89 Adriaan de Man, «Sobre a cristianização de um Forum», *al madan* 13, adenda electrónica (2005): VI.2.

90 Alarcão y Étienne, *Fouilles de Conimbriga*…, 87; Alarcão, *Conimbriga. O chão…*, 16.

91 Alarcão y Étienne, *Fouilles de Conimbriga*…, 99-100; Adriaan De Man y António Monge Soares, «Elementos para uma definição dos horizontes tardios», en *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal*), coord. por Jorge López Quiroga (Oxford: Bar International Series 2466, 2013), 210-211.

92 Alarcão et al., *Fouilles de Conimbriga*…, 91-92; 95; 102; Arezes, *O mundo funerário na Antiguidade Tardia*…, 229.

93 Alarcão et al., *Fouilles de Conimbriga*…, 91-92. Jorge López Quiroga y Raúl Catalán Ramos, «El registro arqueológico del "equipamiento militar" en *Hispania* durante la Antigüedad Tardía», en *Zona Arqueológica* 11, coord. por Jorge Morín de Pablos, Jorge López Quiroga y Artemio Martínez Tejera (Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, 2010), 421.

94 López Quiroga y Catalán Ramos, «El registro arqueológico», 428.

que não sendo usadas em combate de modo sistemático ao longo dos séculos IV e VI,[95] não parece haver dúvidas quanto à relevância social, cultural ou mesmo étnica, subjacente à deposição de um artefacto desta natureza no interior de um sepulcro. Neste sentido, dificilmente poderá ser menorizada: antes encarada como resposta a uma intenção declarada,[96] como um elemento relevante na composição do enterramento de um potencial membro da elite,[97] pelo que, em suma, traduz e materializa uma série de escolhas conscientemente definidas.[98]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sequência do exposto, consideramos pertinente realçar uma série de pontos significativos. Em primeiro lugar: a evidência da profunda diversidade de tradições, pressupostos mentais e religiosos manifestados pelos diversos grupos fixados na *Lusitania*. Com efeito, e muito embora coexistindo num mesmo território e âmbito cronológico, souberam materializar essas diferenças não apenas no quotidiano, mas também na preparação de contextos funerários díspares. Da configuração das estruturas sepulcrais à implantação das áreas de enterramento; do modo de deposição dos defuntos à natureza da componente artefactual que lhes era associada, são múltiplas e heterogéneas as soluções documentadas.

Cada elemento colocado no sepulcro tem uma biografia própria, e participa de uma história: talvez a do inumado, ou a da sua *gens*. Recipientes de cerâmica ou vidro corporizam, como vimos, opções passíveis de colocação tumular. Mas a de metais parece emergir como veículo especialmente eloquente e diferenciador, eventualmente da identidade, etnicidade ou do posicionamento social e económico: e não apenas do morto, mas também de quem introduz uma ou mais peças significativas no sepulcro. Colheres ou pratos; objectos militares ou vocacionados para a caça; materiais de adorno do corpo e do vestuário, estes últimos ilustrativos da prática da inumação vestida. Artefactos que poderão ter sido produzidos e mantidos intocados, sem nunca conhecerem outro uso que não o funerário ou, em alternativa, que foram utilizados e que circularam previamente, até como parte de uma herança ou dádiva. E a dádiva representa uma estratégia crucial de regulação das relações sociais, susceptível de fomentar prestígio, dependência e exigências de retribuição.

O acto de colocar no sepulcro um artefacto metálico consta de uma manifestação a que importa dar visibilidade, até porque, para além do valor inerente a algumas das peças, o trabalho dos metais implica um conhecimento profundo do ofício, uma formação particular, o domínio das técnicas, mais ou menos elaboradas. Até ao momento da deposição, houve um trajecto percorrido, que se iniciou com a extracção do material de base. ¿Como, pois, se organizaria a produção de materiais como os que aqui apresentámos, quem os criava, com que desenho, e onde? Num território política e militarmente movediço, estariam os artífices fixados em oficinas ou seriam

95 Iaroslav Lebedynsky, *Armes et guerriers barbares au temps des grandes invasions. IV au VI siècle après J.-C.* (Paris: Editions Errance, 2001), 26; 109.

96 Arezes, *O mundo funerário na Antiguidade Tardia*…, 396.

97 Kars, *A cultural perspective*…, 49-50.

98 Edward James, «Burial and Status in the Early Medieval West», *Transactions of the Royal Historical Society* 39 (1989): 23.

itinerantes? É amplo o terreno de investigação ainda por desenvolver, de modo a dar resposta a estas interrogações.

É sabido que as práticas aplicadas nas oficinas tardias se apropriaram de tradições vigentes desde períodos recuados e que permaneceram substancialmente inalteradas até à Alta Idade Média. No entanto, e da mesma forma que o *modus vivendi* romano não pode ser encarado como um "guião" fixo para as comunidades que sucederam ao Império, também as técnicas romanas estão longe de poder ser perspectivadas como a única fonte disponível para a elaboração das peças metálicas fabricadas entre os séculos V e VIII. O cruzamento de influências "germânicas" e bizantinas, a par da interpenetração de tradições autóctones devem, portanto, ser igualmente considerados e entrevistos nestes objectos que encontramos a acompanhar os inumados da velha *Lusitania*.

Fig. 1.

Fig. 2.

Fig. 3.

Fig. 4.

Fig. 5.

Fig. 6.

Fig. 7.

PIÉS FIGURAS

Fig. 1 - Brinco anelar de liga de cobre recolhido em sepultura desconhecida da Herdade de Santo António da Terrugem. Apresenta aro de secção circular e apêndice levemente facetado,

de cantos arredondados (Depósito: Câmara Municipal de Elvas, Reservas da Boa Fé, nº de inv. 2653). Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Elvas.

Fig. 2 - Recipiente de liga de cobre, procedente de sepultura desconhecida da Herdade de Santo António da Terrugem. Provável bacia, com copa troncocónica, dotada de carena (Depósito: Câmara Municipal de Elvas, nº de inv. 2754). Fotografia cedida pela Câmara Municipal de Elvas.

Fig. 3 - *Cochleare* de prata procedente de sepultura infantil da Herdade de Santo António da Terrugem. No interior da concha, côncava e de contorno ovalado, é visível a inscrição: *ÆLIAS VIVAS IN* ☧ (Depósito: Câmara Municipal de Elvas, nº de inv. 2676). Fotografia cedida por Mónica Rolo.

Fig. 4 - Anel de prata procedente de sepultura desconhecida de Torres de Apra (Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inventário Au 856). Exibe mesa de configuração arredondada, com moldura decorada. Fotografia de José Paulo Ruas, cedida pela Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF). Patente na obra *Loulé: Territórios, memórias e identidades* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017).

Fig. 5 - Anel de liga de cobre recolhido em sepultura desconhecida de Torres de Apra. Fundido em molde, apresenta mesa com moldura projectada, provida de inscrição (Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, n.º de inventário 983.1048.3). Fotografia de José Paulo Ruas, cedida pela Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF). Patente na obra *Loulé: Territórios, memórias e identidades* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017).

Fig. 6 - Espora com haste em U e espigão de secção circular, com extremidade cónica. Produzida em ferro, e decorada com fios de prata no espigão, foi recuperada na zona do *forum* Flávio de *Conimbriga*. Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*, n.º de inventário A.4092. Fotografia de Andreia Arezes.

Fig. 7 - Pormenor da espada recolhida na zona do *forum* Flávio de *Conimbriga.* Apresenta lâmina de secção oval, guarda curva e punho sub-rectangular. À semelhança da espora, foi forjada em ferro, e decorada com fios de prata, concretamente, na guarda. Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*, n.º de inventário 65.76. Fotografia de Andreia Arezes.

BIBLIOGRAFIA FINAL

Alarcão, Jorge de. *Conimbriga. O chão escutado*. Lisboa: Edicart, 1999.

Alarcão, Jorge de. «Conimbriga, 20 anos depois». En *Perspectivas sobre Conimbriga*, coordinado por Virgílio Hipólito Correia, 96-114. Conimbriga: Museu Monográfico de Conimbriga, 2004.

Alarcão, Jorge de y Étienne, Robert. *Fouilles de Conimbriga. L'Architecture*, vol. 1. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1977.

Alarcão, Jorge de; Étienne, Robert; Moutinho Alarcão, Adília; Ponte, Salete da. *Fouilles de Conimbriga. Trouvailles diverses, conclusions générales*, vol. 7. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1979.

Almeida, D. Fernando de. «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português* 4 (1962): 5-278.

Almeida, João. *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, acceso el 10 de marzo de 2014, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/362.

Alves, Catarina; Catarina Costeira; Susana Estrela; Miguel Serra y Eduardo Porfírio. «Necrópole tardo-antiga da Torre Velha 3, Serpa (Baixo-Alentejo, Portugal)». En *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, coordinado por J. Jiménez Ávila, M. Bustamante y M. García Cabezas, 1929-1966. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, 2013.

Arezes, Andreia. *Elementos de adorno altimediévicos em Portugal (séculos V a VIII)*. Noia: Editorial Toxosoutos, 2011.

Arezes, Andreia. «Comparison as an approach to study decontextualized artefacts: a perspective about its potentialities and limits». En *Rethinking comparison in Archaeology*, coordinado por Ana Vale, Joana Alves-Ferreira y Irene Garcia Rovira, 138-156. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2017.

Arezes, Andreia. «Formas cerâmicas e seu significado simbólico na Alta Idade Média». En *Actas do* X *Congresso Internacional - A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 2012), coordinado por Maria José Gonçalves y Susana Gómez-Martínez, 236-241. Silves y Mértola: Câmara Municipal de Silves e Campo Arqueológico de Mértola, 2015.

Arezes, Andreia. *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Porto: Edições Afrontamento, 2017.

Arezes, Andreia. «O mundo funerário visigótico no território louletano: sítios, práticas e materiais». En *Loulé: Territórios, memórias e identidades*, coordinado por António Carvalho, Dália Paulo y Rui de Almeida, 418-425. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

Carneiro, André. «Nos limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo». En *Arqueologia de Transição: entre o mundo romano e a Idade Média*, coordinado por André Carneiro y Cláudia Teixeira, 39-28. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

Carneiro, André. *Povoamento rural no Alto Alentejo em época Romana. Lugares, tempos e pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e a Antiguidade Tardia.* Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora, 2011, acceso el 7 de abril de 2014, https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12331.

De Man, Adriaan «Sobre a cristianização de um Forum», *al madan* 13, adenda electrónica (2005): VI.1-4, acceso el 13 de diciembre de 2019, http://www.almadan.publ.pt/13%20%C3%ADndiceADENDA.htm.

De Man, Adriaan y António Monge Soares. «Elementos para uma definição dos horizontes tardios». En *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal*), coordinado por Jorge López Quiroga, 209-220. Oxford: Bar International Series 2466, 2013.

Deus, António Dias de; Henrique da Silva Louro y Abel Viana. «Apontamento de Estações romanas e visigóticas da região de Elvas». Separata de *La Crónica* (1955): 568-578.

Elorza, Juan Carlos. «Notas sobre las llamadas cucharillas litúrgicas romano-visigodas localizadas en Hispania: la colección del Museo Arqueológico Nacional». Anejos de *Gerión* I (1988): 381-394.

Fabião, Carlos. «Estácio da Veiga e a Carta Archeologica do Algarve (1876-1891): o nascimento da moderna arqueologia portuguesa». En *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a debate*, coordinado por José Beltrán Fortes, Carlos Fabião y Bartolomé Mora Serrano, 79-103. Sevilla: Colección Spal Monografías de Arqueología, 2019.

Fabião, Carlos. «O ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa». *Apontamentos de Arqueologia e Património* 4 (2009): 25-50.

Flörchinger, Astrid. *Romanische Gräber in Südspanien: Beigaben und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchennekropolen*. Marburg: Marburger Studien zur und vor Frühgeschichte, 1998.

García y Bellido, Antonio. «Cochleares romano-visigodos de la Península Hispánica», *Conimbriga* X (1971): 93-97.

González-Villaescusa, Ricardo. *El mundo funerario romano en el País Valenciano. Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d. C.* Madrid-Alicante: Casa de Velázquez, Instituto Alicantino de Cultura. Juan Gil-Albert, 2001.

Gurt I Esparraguera, Josep y Isabel Sánchez Ramos. «Topografía funeraria de las ciudades hispanas en los siglos IV-VII». *Madrider Mitteilungen* 52 (2011): 457-513.

Halsall, Guy. *Cemeteries and Society in Merovingian Gaul: Selected Studies in History and Archaeology, 1992-2009*. Brill: Leiden.

Hydace. *Hydatii Gallaeciae Episcopi Chronicon*. Introduction, texte critique, traduction par Alain Tranoy. Paris: Éditions du Cerf, 1974.

James, Edward. «Burial and Status in the Early Medieval West». *Transactions of the Royal Historical Society* 39 (1989): 23-40.

Jorge, Ana Maria. «Do combate contra o paganismo ao controle das "superstições"». En *História Religiosa de Portugal*, vol. 1, coord. por Ana Maria Jorge y Ana Maria Rodrigues, 20-25. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Jorge, Ana Maria. «O eclodir da dissidência: a querela arianista». En *História Religiosa de Portugal*, vol. 1, coord. por Ana Maria Jorge y Ana Maria Rodrigues, 25-29. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

Jorge, Ana Maria. «Priscilianismo». En *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, coordinado por Carlos Azevedo, 63-66. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001-2002.

Jorge, Ana Maria. *L'Épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (III – VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002, acceso a 7 de outubro de 2013, http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/publications/trabalhos-de-arqueologia-21-lepiscopat-de-lusitanie-pendant-lantiquite-tardive-iiie-viie-siecles.

King, John M. «Grave-goods as gifts in Early Anglo-Saxon Burials (ca. AD 450-600)». *Journal of Social Archaeology* 4 (2004): 214-238.

Lebedynsky, Iaroslav. *Armes et guerriers barbares au temps des grandes invasions. IV au VI siècle après J.-C.* Paris: Editions Errance, 2001.

Liberato, Marco y Helena Santos. «Cerâmicas alto-medievais de Santarém, Portugal: aspectos formais e tecnológicos», en *Cerámicas Altomedievales en Hispania y su entorno (s. V-VIII)*, coordinado por Iñaki Martín Viso, Patricia Fuentes Melgar, José Carlos Sastre Blanco y Raúl Catalán Ramos, 236-243.Valladolid: Glyphos Publicaciones, 2018.

López Quiroga, Jorge y Raúl Catalán Ramos. «El registro arqueológico del "equipamiento militar" en *Hispania* durante la Antigüedad Tardía». En *Zona Arqueológica* 11, coordinado por Jorge Morín de Pablos, Jorge López Quiroga y Artemio Martínez Tejera, 418-432. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, 2010.

Mantas, Vasco. «A romanização da paisagem na Lusitânia». En *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. III, coordinado por Francisco Oliveira, Jorge Oliveira e Manuel Patrício, 121-134. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

Martins, Isilda. *Arqueologia do Concelho de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 1988.

Mattoso, José. «A época Sueva e Visigótica». En História de Portugal. Antes de Portugal, vol. 1, coordinado por José Mattoso, 302-359. Lisboa: Círculo de Leitores.

Pereira, Carlos. *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia.* Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014, acceso el 26 de agosto de 2019, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11460.

Pereira, Sérgio Simões; José Carlos Sastre Blanco; Alexandrina Amorim; Ana Roriz, Israel Espí; Marco Liberato; Susana Cosme; Zélia Rodrigues y Enrique Paniagua Vara. «Espaços funerários no sítio da Quinta de Crestelos: do Baixo Império à Idade Média (Mogadouro, Portugal)». En *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coordinado por Juan Antonio Quirós Castillo, 160-179. Bizkaia: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015.

Prata, Sara. *Arqueologia do povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide (séculos V-VIII)*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2018, acceso el 25 de octubre,https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/139869/REDUCIDA_Arqueologia.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Prata, Sara. «Articulação da paisagem rural pós-romana no território de Castelo de Vide (Portugal)». En *Fortificaciones, poblados y pizarras. La raya en los inicios del Medievo,* coordinado por Iñaki Martín Viso, 217-237. Ciudad Rodrigo: Excmo. Ayuntamiento de Ciudad Rodrigo, 2018, acceso el 27 de octubre de 2020, https://fortificarte.com/wp-content/uploads/2018/08/catalogo-fortificaciones.pdf.

Prata, Sara. «Espaços, rituais e morte na Alta Idade Média: o caso das necrópoles da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)». En *Paisagens e Poderes no Medievo Ibérico. Actas do I Encontro de Jovens Investigadores em Estudos Medievais. Arqueologia, História e Património*, coordinado por Ana Cunha, Olímpia Pinto y Raquel de Oliveira Martins, 43-60. Braga: CITCEM, 2014.

Prata, Sara. «Objectos arqueológicos alto-medievais em contexto doméstico: o caso da Tapada das Guaritas (Castelo de Vide, Portugal)». En *O estudo dos manuscritos iluminados e dos artefactos na Arqueologia da Idade Média: metodologias em comparação*, *Atti del Workshop Internazionale* (Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 13 febbraio 2015), coordinado por Maria Alessandra Bilotta, Catarina Tente y Sara Prata, 413-429. Palermo: Officina di Studi Medievali, 2017.

Ramos Folqués, Alejandro. «Un tesorillo bizantino en La Alcudia», *Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español. Elche 1948*, 510-513. Alicante: Biblioteca Virtual de Miguel de Cervantes, 2005.

Reinhart, Wilhelm. «Los anillos hispano-visigodos». *Archivo Español de Arqueología* [20]:68 (1947): 167-178.

Ripoll López, Gisela. «Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de Hispania». *Espacio, Tiempo y Forma* 2 (1989), 389-418.

Rolo, Ana Mónica. *O mundo funerário romano no Nordeste Alentejano (Portugal) - O contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2018, acceso el 4 de septiembre de 2019, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37249.

Sánchez Ramos, Isabel. «La cristianización de las necrópolis de *Cordvba*. Fuentes escritas y testimonios arqueológicos». *Archivo Español de Arqueología* 80 (2007): 191-206.

Sarabia Bautista, Julia. *La villa de Balazote (Albacete). Un ejemplo de la vida en la campiña entre el Alto y el Bajo Imperio Romano*. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2012.

Tejerizo García, Carlos. *Arqueología de las sociedades campesinas en la cuenca del Duero durante la Primera Edad Media*. Universidad del País Vasco, 2017.

Tente, Catarina y Carvalho, António Faustino. «Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspectivas». En *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coordinado por Juan Antonio Quirós Castillo, 125-144. Bizkaia: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015.

Tereso, Sofia André Brito, Cláudia Umbelino, Miguel Cipriano, Clara André y Pedro C. Carvalho. «Arqueologia funerária alto medieval da Torre Velha (Castro de Avelãs, Bragança)». En *Identidad y Etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los silos V-VIII*, coordinado por Juan Antonio Quirós Castillo, 145-160. Bizkaia: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2015.

Vaqueira, Lígia. *O sítio de Torre Velha 3 entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média: Contextos materiais do "Ambiente II"*. Dissertação de Mestrado, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, acceso el 13 de diciembre de 2019, https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29893.

Viana, Abel. «Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas». *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* XII, fasc. 3-4 (1950): 289-322.

Viana, Abel. «Notas de Arqueologia Alto Alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Vilosa)». Separata de *A Cidade de Évora* 33-34 (1955): 1-28. .

Viana, Abel y Deus, António Dias de. «Necropolis de la Torre das Arcas». Separata de *Archivo Español de Arqueología* (1955): 244-265.

Vigil-Escalera, Alfonso. «El registro arqueológico del campesinado del interior peninsular en época altomedieval». *Arqueologia Medieval* 6 (2013), 65-244.

Ward-Perkins, Bryan. *The fall of Rome and the end of a Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Wickham, Chris. *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean*, 400-400. Oxford: University Press, 2005.

Wolfram, Mélanie. *Uma síntese sobre a Cristianização do Mundo Rural no sul da Lusitania. Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011, acceso el 9 de mayo de 2012, https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5678.

Wolfram, Mélanie y António Monge Soares, «Baptismo e baptistérios durante a Antiguidade Tardia no Império romano ocidental. O exemplo de Vila Verde de Ficalho (Beja, Portugal)». En *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão*, coordinado por Susana Gómez-Martínez, Santiago Macias y Virgílio Lopes, 54-69. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014.